



ARTESANATO POR MATÉRIA-PRIMA

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

**Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore desenvolvido pelo
Departamento de Apoio a Projetos de Preservação Cultural**

ARTESANATO POR MATÉRIA-PRIMA

Pesquisa organizada pela Divisão de Folclore em 1978

Coordenação
Amélia Zaluar

Pesquisa digitalizada em agosto de 2005

Coordenação
Augusto Vargas

Projeto Gráfico
Augusto Vargas
Danielli Moraes
Marilda Campos

Revisão do Texto
Marilda Campos

Fotografias
Amélia Zaluar

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rosinha Garotinho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Arnaldo Niskier

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC

Marcus Monteiro

**DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE PRESERVAÇÃO
CULTURAL**

Augusto Vargas

DIVISÃO DE FOLCLORE

Delzimar Coutinho

2005

Artesanato Fluminense

O registro da cultura material do povo fluminense, sobretudo de caráter artesanal, ou seja, aquela que decorre de processos tradicionais, com repetição de modelos, quase sem inovações, reúne dados obtidos através de pesquisas de campo coordenadas pela Divisão de Folclore do Inepac. Mas, sob o nome geral de artesanato, engloba também certas obras que, de base reconhecidamente popular, destacam-se pela inventividade, originalidade e apuro técnico de seus autores. Não poderiam ser omitidas estas últimas sem empobrecer-se sensivelmente o quadro apresentado. A matéria-prima trabalhada é encontrada na natureza, em produtos industrializados e em material de sucata. No Estado do Rio de Janeiro, as matérias-primas mais empregadas são o bambu e a taboa, que fazem parte da vegetação nativa da maioria dos municípios. São utilizadas ferramentas simples e muitas vezes improvisadas, como cacos de vidro, sabugos de milho, palitos de fósforo ou pedaços de arame. Os temas são tirados da experiência, da vivência, reproduzindo-se na obra o que faz parte do dia-a-dia. Os objetos produzidos preenchem, em primeira instância, as necessidades imediatas do autor ou as de sua comunidade e só secundariamente são comercializados. O registro do artesanato, dificultado pela extrema variedade de técnicas, matérias-primas e produtos, exigiu aqui uma opção pelos aspectos mais representativos da criatividade e talento do homem fluminense.

Municípios Pesquisados

Angra dos Reis; Araruama; Bom Jardim; Bom Jesus do Itabapoana; Cabo Frio; Cachoeiras de Macacu; Cambuci; Campos dos Goytacazes; Cantagalo; Carmo; Cordeiro; Duas Barras; Duque de Caxias; Itaboraí; Itaocara; Itaperuna; Macaé; Magé. Mangaratiba; Mendes. Miracema; Natividade; Nilópolis; Niterói; Nova Friburgo; Nova Iguaçu; Paraíba do Sul; Paraty; Petrópolis; Piraí; Porciúncula; Resende; Rio Bonito; Rio das Flores; Rio de Janeiro; Santa Maria Madalena; Santo Antônio de Pádua; São Fidélis; São Gonçalo; São João da Barra; São João de Meriti; São Pedro da Aldeia; São Sebastião do Alto; Sapucaia; Silva Jardim; Sumidouro; Trajano de Moraes; Três Rios; Valença; Vassouras; Volta Redonda.

Areia

Tradicional em todo o Estado do Rio de Janeiro, é a preparação de tapetes-de-rua por cima dos quais passa a procissão de "Corpus-Christi". O material empregado depende dos recursos materiais da região: areia e sal grosso nas cidades do litoral salineiro; borra de café, vidro picado, serragem, folhas, pétalas de flores, tampinhas de garrafas, casca de ovo triturada e terra colorida nas cidades do interior. A comunidade local se encarrega da criação dos motivos desenhados. Em alguns locais o tapete é dividido em muitas seções, pelas quais se responsabilizam colégios, lojas comerciais, clubes, associações religiosas, famílias, etc. Os temas são quase sempre de fundo religioso: Cristo, Nossa Senhora, santos, anjos, pombas, cálices e hóstias. Costuma-se fazer também flores, gregas, pássaros, etc. Ultimamente muitos aproveitam para também transmitir mensagens sociais, ecológicas, educacionais. Para variação de cor costuma-se misturar anilina em pó ao sal grosso.

Argila

A argila é matéria-prima para a confecção de objetos de cerâmica decorativa, utilitária e ritualística. Algumas vezes é modelada com o auxílio de tornos rudimentares montados nos quintais. Neles o ceramista modela objetos de forma circular como potes, jarros, panelas. Outras vezes o artesão utiliza apenas as mãos, modelando determinada porção de argila até conseguir a forma desejada: objetos decorativos ou ritualísticos, como bonecos, santos, bichos. O cozimento da peça acabada é feito em fornos de lenha, cuja temperatura chega a 1.000°C. A pintura, se usada, faz-se com tinta industrializada ou com tintas extraídas de vegetais, como o urucum (coloração vermelha) ou o jenipapo (coloração preta); Usa-se ainda, de origem mineral, o amarelo do óxido de ferro.



Bambu

Vegetal nativo - *Bambusa arundinacéa Willd* - com muitas variedades, desde o bambu-japonês e a taquara (muito flexível), até o bambu-gigante, com 25cm de diâmetro. Recém-colhido, é cortado em tiras finas que são trançadas para fazer



cestos, objetos de adorno, peças de mobiliário, gaiolas, alçapões, peneiras, esteiras de carro-de-boi, instrumentos musicais (flautas, reco-recos). No interior, o bambu presta-se também à construção de forros, paredes, portões, cercas e luminárias.

Bananeira

A palha da bananeira (embira) - *Musa sapientum L. (musaceae)* - é material muito utilizado para diversos tipos de artesanato. As fibras do talo central das folhas, de textura fina, são aproveitadas para a confecção de bolsas, esteiras, sacolas, chapéus, tiras para sandálias e outros objetos de uso. Das fibras do caule misturadas a outras mais resistentes são feitos cestos, capachos e sacolas. As folhas, depois de secas, são utilizadas na criação de flores, ramos e figuras. Combinada com outros materiais (tecidos, recortes de jornal, linha em crochê, madeira) entra na composição de bonecas, conjuntos de presépios e cenas familiares.

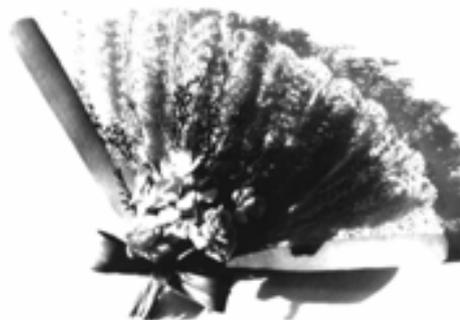


Brejaúva

Palmeira - *Astrocaryum ayri Mart. (palmae)* - da qual se aproveita a palha e o coco. A palma, seca ao sol, transforma-se em palha clara que serve para confeccionar cestinhas ovais ou redondas. Costuradas com agulhas de saco, as cestas são enfeitadas com os fios da palha, coloridos com anilina em pó, em vermelho, azul e verde. O coco é aproveitado na confecção de bilros, para uso de rendeiras.

Bucha

Planta trepadeira geralmente desenvolvida em cercas vivas. O fruto, depois de seco, retiradas as sementes, transforma-se em material leve, esponjoso, cor de palha, aproveitado na confecção de diversas peças ornamentais e utilitárias: flores, leques, chinelos, bolsas, chapéus, etc.



Capim

O capim barba-de-bode - *Andropogum sp.* (*Graminaea*) - já seco, é trançado, usado para fazer bolsas, cestas e chinelos. Trabalha-se com agulhas e linhas grossas de bordar, coloridas, para prender as fibras, enfeitar e armar as peças.

Cera

A cera de abelha-cachorro ou abelha-europa presta-se à modelagem de figuras humanas, personagens de presépios, igrejinhas, casas, bois, galinhas, quase sempre miniaturas. Depois de colhida e limpa a cera, maleável e de fácil manuseio, é trabalhada pura, sem acréscimo de nenhum outro material.



Chifre



Material usado na confecção de objetos diversos: cofres, cabos de talheres, figas, anéis e figuras de animais (peixes, pássaros). Amolecido em água fervente durante cerca de uma hora, é trabalhado à mão, com o auxílio de serras, facas, grosas, martelos, canivetes e até mesmo de cacos de vidro. Na complementação das peças, usa-se, às vezes, metal e osso.

Cipó

O cipó, como o bambu e a taquara, é usado para a produção de cestos de dimensões e formatos variados e de abanos para fogão de lenha. É trançado ainda verde, sem tratamento prévio, especialmente o cipó-caboclo - *Davilla rugosa Poir* (*Dilleniaceae*), o cipó-imbé - *Philodendron bipinnatifidum Schoott* (*Araceae*) e o cipó-una - *Arrabidaea sp.* (*Bignoniaceae*) - que depois de maduros perdem a maleabilidade e tornam-se quebradiços.

Couro

Com o couro de alguns animais (boi, cabra, preguiça, quati, coelho) fabricam-se peças de diferentes utilidades: selas, arreios, cangalhas, cabrestos, rédeas, chicotes, tamoeiros, rebenques e outras, próprias para o transporte a cavalo ou em carro-de-boi. Bolsas, carteiras, chapéus, sandálias, cintos, jalecos, luminárias, pulseiras, anéis, têm também como matéria-prima o couro. Deste material são feitas ainda as máscaras de palhaços de folhas de reis. Os instrumentos utilizados são: máquina de costura, sovela, faca, torquês, ferro de rebaixo e outros ferros encontrados em pequenas oficinas.



Diversos

Diversos materiais são utilizados no artesanato de instrumentos musicais. Os de corda são feitos de madeira (camará, para as costas e ilhargas; caviúna para o braço). Para a cerda dos arcos usa-se crina de cavalo. Os instrumentos de sopro, geralmente são feitos de bambu. As flautas são mais comuns, além dos clarinetes, cujo corpo é formado de seções de bambu, de diversas dimensões, articuladas. Para instrumentos de percussão - tambores, bumbos, caxambus - usa-se couro de cotia, cabrito ou bezerro, combinado com madeira. A sucata de metal, junto ao plástico ou couro, dá origem a instrumentos de percussão: chocalhos, ganzás, pandeiros, caixa, bumbo, tarol e outros. Há registro de um harmônio construído de madeiras comuns associadas a peças improvisadas- alfinetes de fraldas, para prender as teclas e câmaras de pneu como fole.

Flexa de Ubá

Com a flecha de ubá - *Chuequea sp. (Gramineae)* - cortada em época própria para não dar bicho (abril), constroem-se gaiolas de tamanhos e formas diversas: igrejas, castelos com um, dois ou três andares - "catedrais", retangulares, quadradas e cilíndricas.



Juta

A juta - *Corchorus capsularis* L. (*Tiliaceae*) - é usada no artesanato de tapetes, estandartes e figuras de presépio. Serve, também, de pano de fundo para a aplicação de motivos em pano colorido. Desfiada, presta-se à confecção de cabeleiras em bonecos.

Lã

Com fios de lã industrializada são tecidas, em tricô ou crochê, peças de vestuário: suéteres, casacos, saias, vestidos, roupas de bebê, cachecóis, gorros. Também há registro de tecelagem de mantas, passando por todas as fases do processo - desde a limpeza de lã, cardação, preparação do fio na roca, tintura, até o trabalho de tear.

Linha

Com linhas industrializadas, de carretel ou novelo, confeccionam-se em crochê, nhanduti, bordado, renda de bilro ou tricô, peças utilitárias ou ornamentais: redes, colchas, toalhas, cortinas, blusas, vestidos, "brolhas", roupas de bebê, paninhos, arremates para toalhas. As rendas de bilros, feitas ainda em alguns núcleos, exigem equipamento especial, construídos, às vezes, pelas próprias rendeiras: cavalete, almofada, moldes e bilros. A confecção artesanal de redes de pesca, atividade essencialmente masculina, ainda é comum no litoral fluminense: trabalha-se o fio de nylon com agulha feita de madeira (palmeira, pitangueira, araçatiba). As redes de linha comum passam por especial processo de tingimento através de infusão durante algumas horas em corantes conseguidos pela maceração de vegetais (aroeira, urucum, murici), para melhor resistirem à ação da água salgada.

Madeira

Vinhático, aroeira, jequitibá, cedro, mogno, peroba, canela, espera, guairana, urucurana, são as madeiras mais usadas. A elas se acrescentam o camará, a caviúna e o jacarandá, preferidos pelos artesãos de instrumentos musicais. Com ferramentas diversas (machado, enxó, plaina, formão, facas e outras) são esculpidos ou entalhados pelos artesãos fluminenses imagens de santos, figas, orixás, carrancas,



LOCOMOTIVA DE SÃO DE MARINHA
EXPOSITO JOSÉ DE MARAL
SANTO ANTONIO DE PÁRIA - RJ

máscaras, objetos de decoração, gamelas, pilões, instrumentos musicais, carros-de-boi, canoas, etc. As canoas, cavadas à mão em tronco inteiriço, ainda são encontradas em vários municípios do litoral. Gaiolas de diferentes feitios são feitas, algumas vezes, apenas com encaixes de varetas, sem utilização de pregos ou arames. Também a xilogravura se faz presente. Aproveitando a forma natural de raízes, confeccionam-se diversas espécies de animais.

Mandioqueiro



Do tronco do mandioqueiro - *Didy mopanax anomalum* Tamb. (*Araliaceae*) obtém-se fibras brancas, finas e flexíveis, extraídas com uma plaina. Depois de secas, as fibras são trançadas à mão e costuradas à máquina para a confecção de chapéus e bolsas. Costumam ser tingidas com anilina em cores diversas.

Massa de miolo de pão

Dessa matéria é feito um original trabalho de modelagem: flores, miniaturas de animais domésticos e selvagens, figuras de presépio. Com o miolo de pão, misturado a um pouco de cimento branco para dar maior resistência, modelam-se também, pequenas flores que são presas a hastes naturais.



Metal



No artesanato em metal (funilaria) é freqüente a confecção de peças das mais variadas: brinquedos (carros, caminhões, aviões, helicópteros, trenzinhos) e objetos utilitários (lâmparas de todos os tipos e tamanhos, bacias, canecas, bules, regadores, suportes para coador de café, raladores).

Milho

A palha seca do milho - *Zea mays L.* - é utilizada na confecção de flores, leques, chapéus, bolsas e figuras humanas. Algumas vezes aparece combinada com a bucha, a palha de bananeira e o bambu.



Papel



Máscaras, papel rendado, balões e pipas são os principais produtos artesanais feitos com papel. As máscaras e caretões usados no carnaval e em alguns folguedos são feitos com papel de jornal, de revistas ou de embrulhos, colocados em camadas com água e cola, sobre forma de barro (molde) previamente preparada. Depois de seca, a máscara é retirada do molde, pintada com tinta a óleo ou guache em cores bem vivas e envernizada. Diabo, morte, macaco, boi, cavalo, baiana, malandro, nega maluca, Frankenstein, Batman, Voronoff, Mandus, são algumas das figuras mais comuns. Para a confecção dos papéis

rendados, muito usados para forrar armários e prateleiras, emprega-se qualquer papel disponível que é dobrado e recortado com tesouras em pequenos círculos, retângulos, quadrados, losangos, triângulos, flores. Depois de abertos, assemelham-se a uma renda. Os balões, característicos das festas juninas, têm o bojo feito de papel de seda emendado com cola. Algodão de estofador e tecido de aniagem compõem as buchas que, providas de parafina, sebo, gasolina ou cânfora, produzem, quando acesas, o ar quente necessário à subida do balão. As pipas têm formas muito variadas e são construídas com leves varetas e papel de seda.

Penas

Penas de diferentes aves são usadas para compor objetos vários: complementam as tradicionais petecas de palha de milho ou recobrem miniaturas de aves, cujo corpo é feito de barro.

Pindoba

Com a palha da pindoba - *Attalea humilis* Mart. (*Palmae*) - palmeira nativa das matas serranas, especialmente da Serra dos Órgãos, são feitos peixes, palmas, flores, postos a secar ao sol depois de trançados e armados. Para o trabalho são empregadas duas ou mais varetas combinadas, da própria pindoba.



Pita

Dos fios obtidos da folha da piteira confeccionam-se tranças com que se armam diversas peças artesanais. Do caule da flor (pendão central que se ergue dentre as folhas) são feitas miniaturas de canoas. Para isso o caule é cortado em diversos segmentos que são escavados a faca, até tomarem o formato de uma canoa inteiraça.



Sementes

Sementes de plantas nativas são utilizadas de diversas maneiras. Uma vez colhidas, são postas a secar e, "*in natura*" ou envernizadas, entram na composição de diferentes peças. A lágrima-de-nossa-senhora., por exemplo, de cor acinzentada e muito resistente, enfiada em fios de arame mais ou menos maleáveis, presta-se à confecção de cestos para guardar ovos, cortinas e adereços.

Sucata

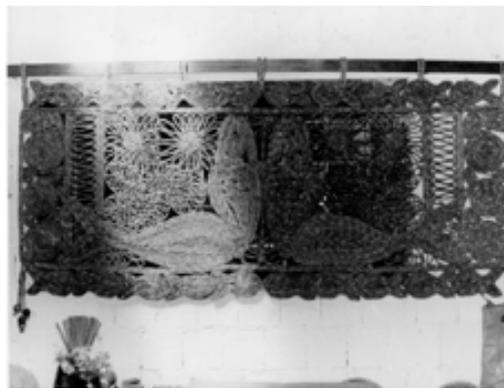


Na elaboração de suas peças, o artesão vai servir-se, de restos de produtos industriais (tampas, caixas, pneus, latas, papéis, etc.) e de sobras de material de construção (tijolos, telhas, ladrilhos, etc.). Verdadeira reciclagem de materiais ocorre: o artesão cria os objetos de que necessita. Assim, sacos plásticos de leite serão sacolas, e latas vazias

servirão tanto para rodas de caminhãozinho como para a confecção de cenas - festa junina, presépio, macumba, casamento na roça - para as quais, seu criador, recortou, dobrou e fundiu figuras humanas, animais, vegetais e diferentes objetos. Com palitos de fósforos e pauzinhos de sorvete, vão ser fabricadas miniaturas de casas, igrejas e edifícios. Exemplo maior da criatividade popular é a **Casa da Flor**, em São Pedro da Aldeia, em cuja ornamentação seu criador empregou cacos de pratos, copos, garrafas, bibelôs, vasos e ainda faróis de automóveis, lâmpadas queimadas, ralos de pia, ossos, etc. para formar flores, folhas, cachos de uva, "bordados", luminárias, mosaicos, esculturas, colunas - um conjunto colorido, e de rara beleza.

Taboa ou tabua

Planta nativa que cresce nos banhados - *Typha dominguensis* Pers (*typhaceae*). Sua fibra flexível e resistente, trabalhada depois de seca, serve para a confecção de esteiras, bolsas, chinelos, tapetes, redes, cestas, sacolas, cachepôs, estandartes, descansos para pratos e travessas, etc. Para se fazer a esteira, usam-se, em técnica semelhante à do tear, varas de madeira forte (o tendá) e barbantes em rolo, tendo nas pontas pedaços de madeira ou tijolos (os cambitos), com o auxílio dos quais a palha é trançada.



Tecidos



Retalhos lisos ou estampados, de todos os formatos, costurados uns aos outros ou aplicados sobre estopa, compõem colchas, almofadas, tapetes, toalhas, cortinas e outras peças. De caráter artesanal são também os trajes de alguns figurantes de folguedos: os trajes dos componentes do Mineiro-Pau e dos palhaços de Folia de

Reis, os saíotes para o Boi, para o Veado e a Mulinha, a roupa do Jaraguá e dos Bonecos. Bandeiras ou estandartes dos grupos de Folia de Reis são feitos de tecido colorido, acrescido de estampas, bordados,

fitas, flores de plástico e véus. No artesanato com tecidos incluem-se, ainda, as bruxinhas e os bonecos de pano.

Tinta

Tintas industriais e extraídas de alguns vegetais têm empregos diferentes. Cenas em que entram figuras humanas, animais, paisagens e letras vão ornamentar paredes de escolas de samba, centros espíritas, açougues, quitandas e capelas. Com tinta a óleo, pintam-se telhas, cascas de variadas árvores e temas religiosos, bucólicos, sociais e históricos.

Vime

A vara tenra e flexível do vimeiro trançada presta-se à fabricação de diversas peças utilitárias e ornamentais, como cestos, abajures, figuras de animais domésticos, que servem como suportes para flores, frutas, alimentos. Na confecção de móveis (cadeiras, mesas, estantes, colunas, camas, etc.), o vime é trançado com reforço básico de madeira. Esses móveis, de formas muito variadas, são em geral decorados com desenhos trançados no próprio vime.

Bibliografia

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Ritos, Sabença, Linguagem, Artes e Técnicas*. São Paulo, Melhoramentos, 1967.

ARTE Popular: bilro, barro, cordel. *Revista Artefato*. Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 2 (12) : 1-13.

ARTESANATO Brasileiro. Rio de Janeiro, Funarte, 1978.

BARROS, Souza. *Arte, Folclore, Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

COISAS NOSSAS, Coleção. *A Casa da Flor*. Rio de Janeiro, SEEC/Funarte, 1978.

EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de Estado de. Inepac, Divisão de Folclore. *O Artesanato de Balões na Zona Norte do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1978.

_____. Inepac, Divisão de Folclore. *Jogos e Brincadeiras Infantis*. Rio de Janeiro, 1978.

_____. Inepac, Divisão de Folclore. *Rendeiras de Bilro no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1978.

FERNANDES, Florestan. *O Folclore em Questão*. São Paulo, Hucitec, 1978.

FROTA, Lélia Coelho. *Arte do Viver e Arte do Fazer na Coleção Jacques Van de Beuque*. Rio de Janeiro, Catálogo de Exposição do Museu de Arte Moderna, julho 1976.

_____, *Mitopoética de Nove Artistas Brasileiros*. Rio de Janeiro, Funarte, 1978.

O HOMEM Fluminense. Rio de Janeiro, Femurj, 1977.

MAIA, Isa. *O Artesanato da Renda no Brasil*. João Pessoa, Universitária, 1978.

AS MÃOS do Povo. *Revista Artefato*. Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1 (4).

MARTINS, Saul. *Arte e Artesanato Folclórico*. Rio de Janeiro. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976, Caderno de Folclore, 10.

_____, *Arte Popular Figurativa*. Belo Horizonte, Carranca, 1977.

MAURÍCIO, Ivan. *Arte Popular e Dominação*. Recife, Alternativa, 1978.

MIGNEZ, Renato. *Ceramistas Populares de Pernambuco*. Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, (28) 1971.

NEVES, Luis Felipe Baeta. *O Paradoxo do Coringa*.

PARDAL, Paulo. *Carrancas do São Francisco*. Rio de Janeiro. Serviço de Documentação Geral da Marinha, s.d.

_____, Paulo. *Carrancas do São Francisco*. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1979, Cadernos de Folclore, 29.

RIBEIRO, José. *Brasil no Folclore*. Rio de Janeiro, Aurora, 1970.

SETE Brasileiros e seu Universo. Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação, 1974.